

Educação popular e experiências de resistência: no campo e nas periferias urbanas

Popular education and resistance experiences: in the countryside and on urban peripheries

Flávia Lorena de Souza Araújo
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Lauro de Freitas-Brasil

Resumo

Este artigo é fruto de pesquisa doutoral que teve como objetivo analisar a função formativa das experiências de resistência de agricultores familiares agroecológicos do Território de Identidade de Irecê e jovens do Instituto Fatumbi, Salvador-BA, procurando captar uma história que ocorre em configurações de resistência e mobilizações. A pesquisa utiliza-se de técnicas de análise da Biografia Educativa baseada em Josso (2010), nas quais são integradas as dimensões formativas, transformativas e de intervenção social. Os relatos demonstram que as experiências vividas nos âmbitos sociais contribuíram para trajetórias educativas fundamentadas em uma racionalidade ética, comprometida com a formação de sujeitos abertos ao novo, que resistiram em virtude da influência dos movimentos inspirados no pensamento libertário da América Latina, da Teologia da Libertação e da Educação Popular.

Palavras-chave: Educação popular; Campo; Periferia Urbana.

Abstract

This article is the result of doctoral research that aimed to analyze the formative function of resistance experiences of agroecological family farmers from the Irecê Identity Territory and young people from the Fatumbi Institute, Salvador-BA, seeking to capture a story that occurs in configurations of resistance and mobilizations. The research uses analysis techniques from Educational Biography based on Josso (2010), in which the formative, transformative and social intervention dimensions are integrated. The reports demonstrate that the experiences lived in social spheres contributed to educational trajectories based on an ethical rationality, committed to the formation of subjects open to the new, who resisted due to the influence of movements inspired by the libertarian thought of Latin America, Liberation Theology and Popular Education.

Keywords: Popular education; Countryside; Urban Periphery.

Introdução

Para entendermos a efetividade das experiências de resistência vividas, compreendendo, nesse sentido, a sua função formativa para a constituição de aprendizagens significativas, abordaremos, neste trabalho, as questões relacionadas às crenças, às concepções de vida e à visão de futuro de cada sujeito pesquisado.

Neste estudo, analisamos duas configurações – o Território de Identidade de Irecê e o Bairro Alto das Pombas –, buscando aprofundar a compreensão sobre a experiência da agricultura familiar agroecológica do TII e a experiência do Instituto Fatumbi, que são também configurações, na medida em que os sujeitos desta pesquisa se tornaram o que são hoje, em virtude dessa relação de interdependência construída entre as configurações e os sujeitos pertencentes a cada uma delas, conforme explana Elias:

Dizer que os indivíduos existem em configurações, significa que o ponto de partida de toda investigação sociológica é uma pluralidade de indivíduos, os quais de um modo ou de outro, são interdependentes. Dizer que as configurações são irreduzíveis significa que nem se pode explicá-las em termos que impliquem que elas têm algum tipo de existência independente dos indivíduos, nem em termos que impliquem que os indivíduos, de algum modo, existem independentemente delas (Elias, 2000, p. 184).

Para alcançarmos o entendimento sobre como se forjam as práticas educativas nessas configurações, a ponto de contribuírem para a formação de sujeitos éticos, que se posicionam de forma crítica, consciente e transformadora da realidade em que estão inseridos, foi necessário compreender a trajetória educativa de cada indivíduo, sendo desse modo evidenciada a contribuição dessas experiências para a formação de sujeitos comprometidos com uma ética da vida.

Tais trajetórias educativas são permeadas por experiências formativas: algumas foram deliberadamente escolhidas pelos sujeitos; outras ocorreram independentemente de suas vontades, mas o fato é que possibilitaram a esses indivíduos a experiência de autorreflexão e a apreensão do presente como sendo histórico e acessível a uma prática transformadora. Portanto, com base em Adorno:

A experiência formativa seria, nestes termos, um movimento pelo qual a figura realizada seria confrontada com sua própria limitação. Por isso, justamente, este método de formação crítica é “negativo”: o que é torna-se efetivamente o que é pela relação com o que não é. O dinamismo do processo é de recusa do existente, pela via da contradição e da resistência (Adorno, 2010, p. 25).

Nessa perspectiva, o ato de resistir a todas as formas de dominação é transgressor e potencialmente educativo, pois possibilita ao indivíduo aprender a superar a mediação entre o condicionamento social, o momento de adaptação e o sentido autônomo da subjetividade. Somente dessa forma é que se constitui uma educação crítica, que rompe com a “mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não-idêntico, o diferenciado” (Adorno, 2010, p. 27).

O contato com o “outro não-idêntico, o diferenciado” é regido por princípios baseados em uma ética, cujo entendimento que assumo neste trabalho é, com base em Souza (2004), que a construção do sentido da vida humana se consolida no encontro com o “Outro”. O “Outro” aqui referido compõe as relações vivenciadas nos diversos momentos da vida de cada sujeito pesquisado, cumprindo o papel de desestabilizador das “certezas” que acompanham os momentos de busca de acomodação para as aprendizagens.

No presente contexto, o “Outro” é por nós compreendido como aquele que chega de fora, fora do âmbito do meu poder intelectual, de minha inteligência que vê e avalia o mundo. O Outro rompe com a segurança de meu mundo, ele chega sempre inesperadamente, dá-se em sua presença não prevista, sem que eu possa, sem mais, anular essa sua presença e esse seu sentido (Souza, 2004, p. 56).

Esses sujeitos, nas lutas cotidianas para a sua sobrevivência e dos coletivos de que fazem parte, inventaram e reinventaram estratégias de intervenção no mundo para resistir às constantes tentativas de inferiorizá-los e/ou inviabilizá-los. Ao resistirem, se fortaleceram e criaram as suas próprias formas de se pensar e se formar, como explicita Arroyo (2014, p.39):

Se o padrão de poder/saber conformou um pensamento sociopedagógico para inferiorizar os coletivos populares, esses em suas ações/reações/afirmações inventaram outras formas de pensar-se e de formar-se, outro pensamento sociopedagógico. Outras Pedagogias. Uma tensa história com traços peculiares, que exigiu ser reconhecida constituinte da história e da história das teorias pedagógicas.

Esta pesquisa, portanto, apresenta trajetórias educativas de sujeitos que resistiram às diversas formas de dominação e subordinação e incorporaram pedagogias e saberes acumulados por outras ações e movimentos de educação emancipatória, como por exemplo: a experiência das CEBs, as discussões sobre educação popular e educação do campo, o movimento de luta por terra e moradia e por uma agricultura alternativa ao uso dos insumos agrícolas financiados pelos governos.

Educação popular e experiências de resistência: no campo e nas periferias urbanas

As trajetórias educativas de cada um dos sujeitos pesquisados representam as experiências vividas e relatadas, ao longo de suas vidas, não se esgotando aqui neste texto. Esses sujeitos, certamente, viverão outras experiências que serão incluídas como significativas para a sua formação, pois somos educáveis até o último dia de nossas vidas.

É nessa inconclusão que se funda a educação, como afirma Freire (1992). Educação implica, portanto, reconhecer que se trata de um processo de tomada de consciência de si, do outro e do mundo, numa busca realizada por um sujeito que é o ser humano, que enquanto sujeito de sua própria educação, constantemente, transforma-se e é transformado por todas as experiências vividas, fazendo mudar, nessa relação, também o seu entorno. Trata-se de uma busca permanente de si e do outro, inacabada, inconclusa.

Para discorrer e aprofundar a discussão acerca da educação popular e das experiências de resistência no campo e nas periferias urbanas, fez-se necessário organizar o presente texto em cinco partes: Introdução; a Educação Popular e sua função transformadora; Aprendizagem através de experiências comunitárias de vida e fé; Projetos de vida e algumas conclusões acerca dessa temática, sob várias perspectivas de análise.

Nesse contexto, a educação popular assume um papel importante na construção dos processos de conscientização, humanização e transformação das realidades vividas por cada um dos sujeitos pesquisados.

A Educação Popular e sua função transformadora

Para as concepções libertárias de educação, a inconclusão fortalece a crença na transformação das pessoas, das condições efetivas que nos são impostas, tornando-se possível ter esperança, porque a educação, sendo um processo inconcluso, inacabado, suscita sempre a mudança, não aceita o pronto e acabado, tem esperança. A esperança apresenta-se como uma “necessidade ontológica”, um “imperativo excepcional e histórico” que se manifesta na prática, no vivido (Freire, 1992, p.10).

Sendo assim, as trajetórias educativas aqui apresentadas mostram o efetivo papel da educação para a formação de sujeitos críticos, conscientes e, de modo especial, mais humanos, ressaltando que a educação perpassa a vida dos indivíduos em todas as suas fases e que os mesmos aprendem com a família, com os amigos, com o sindicato, nos movimentos sociais, na Igreja, na escola, no trabalho, de forma diversificada, mas regulamentada por princípios adquiridos pelo sujeito aprendiz, que são determinantes para as escolhas feitas.

Para construirmos uma educação emancipatória, faz-se necessário compreender que, no contato com o outro, “diferenciado”, forjam-se experiências formativas que não se esgotam na relação formal do conhecimento, mas implicam uma transformação do sujeito no curso do seu contato transformador com o objeto na realidade concreta, nas relações dos sujeitos com as suas condições materiais e históricas. Estes se tornam “experientes” porque aprendem pela via mediada da elaboração do processo formativo, compreendendo a relevância tanto dos resultados quanto também do próprio processo (Adorno, 2010).

As relações sociais, sendo assim, tornam-se relevantes para a formação do sujeito, pois, como afirma Adorno (2010, p. 19) “as relações sociais não afetam somente as condições da produção econômica e material, mas também interagem no plano da ‘subjetividade’, onde originam relações de dominação”.

As experiências formativas, portanto, tornam-se aprendizagens significativas porque, por intermédio delas, é possível a aquisição de aprendizagens e conhecimentos existenciais que dizem respeito à vida dos indivíduos; instrumentais, por abordarem conteúdos necessários ao exercício de práticas específicas, e explicativas, pois tratam da elaboração do processo formativo (Josso, 2010), imprescindíveis para a constituição de trajetórias educativas.

Essas aprendizagens transformaram a vida dos sujeitos desta pesquisa, os quais, ao pensarem e relatarem sobre si, sobre suas crenças e suas projeções na vida, evidenciaram a importância das experiências educativas que vivenciaram por meio de suas famílias, dos amigos e das experiências comunitárias. E também aquelas experiências que foram deliberadamente escolhidas pelos sujeitos desta pesquisa, as experiências escolares e no trabalho, ressaltando a importância das configurações para o fortalecimento de uma prática educativa fundada na resistência ao que oprime e subjuga.

Ao relatarem sobre as crenças, as concepções de vida e como projetam o futuro, os sujeitos desta pesquisa mobilizam as diversas experiências vividas, para que se efetive o ato de “pensar sobre a experiência” e assim concretizá-las em aprendizagens para a sua vida.

Os relatos aqui apresentados indicam que, apesar de todas as adversidades impostas pelo capitalismo, no TII, por meio da Revolução Verde, e no Alto das Pombas, com o avanço da especulação imobiliária, essas configurações resistiram em virtude da vivência de experiências de luta influenciadas por movimentos que se forjaram sob a inspiração do

pensamento libertário da América Latina, da Teologia da Libertação, do Movimento Ecológico e da Educação Popular, permitindo-lhes a formação de sentidos de vida.

Os sujeitos desta pesquisa, ao viverem nas configurações de que fazem parte, também são influenciados pelas experiências que os antecederam, mesmo sem ter consciência, pois trata-se de uma aprendizagem que, quando adquirida, transforma a vida do indivíduo e do coletivo envolvido com a experiência, como também serve de referência para as próximas gerações.

Aprendizagem através das experiências comunitárias de vida e fé

Por meio das experiências vividas pelos sujeitos desta pesquisa, podemos destacar experiências de configurações que ajudaram as pessoas a manterem suas consciências de si, dos outros e do mundo que as cerca, mesmo convivendo sob o ataque cerrado das forças socialmente constituídas, excludentes e demolidoras de vidas humanas e da natureza, fortalecendo, pois, a resistência aos diversos processos mutiladores da dignidade humana.

Os sujeitos dessa pesquisa, ao responderem sobre em que acreditavam, logo a crença religiosa se evidencia como forma de diálogo com o mundo, mas em seguida a concretizam, trazendo-a para o exercício da fé na vida cotidiana, em cada contexto vivido, na concretude da experiência de fé, como poderemos verificar nos relatos a seguir:

Acredito em Deus, nos seres humanos e no poder de organização das pessoas, dos coletivos. Tem outra coisa que a gente tem que ter cuidado e que eu sempre digo. É o seguinte: a gente não pode desprezar o nosso conhecimento, o conhecimento da minha avó, o conhecimento da minha mãe, o conhecimento das minhas tias. De que é um conhecimento muito melhor que o nosso muitas vezes. Às vezes um segredinho de família, ele lhe dá uma receita muito melhor do que o melhor técnico do SEBRAE ou do EBDA, trouxe pra gente (Sujeito do TII 1).

A Jovem Caatingueira 1 aprendeu com sua família a ter consciência de que o trabalho que eles desenvolvem é exemplo para a comunidade e fazem questão de orientar outras mulheres, ao organizarem uma cooperativa para a produção de bolos, biscoitos, geleias, refeições para servir em eventos da região, disseminando, dessa forma, o conhecimento para todo o território.

Os saberes adquiridos por essa família, pela comunidade e por todos que desenvolvem uma agricultura de base agroecológica são fundamentados em princípios filosóficos, sociológicos, ecológicos e, sobretudo, políticos.

A consciência política adquirida pela família foi apreendida na luta diária por direitos: direito à escola na comunidade, direito à terra e à água, direito à vida gestada de forma prática, a partir do seu próprio empreendimento e ganhando abrangência nas políticas de garantia de vida digna para os povos do campo.

Essas experiências vividas pelos agricultores familiares agroecológicos do TII sintetizam todos os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, acerca do trabalho coletivo como força propulsora de mudanças na vida das pessoas e, sobretudo, na sociedade vigente. A fala da Jovem Caatingueira 1 também evidencia a influência da configuração em que ela e sua família estão inseridas para a formação de sujeitos conscientes do seu poder de transformação do contexto social, construindo a sua própria história.

Vale destacar que essa configuração, agricultura familiar agroecológica do Território de Identidade de Irecê, está marcada pela presença e atuação de movimentos sociais, CEBs, movimento estudantil e ecológico, ação de ONGs e sindicatos, os quais contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento agroecológico, inspirados em movimentos contra-hegemônicos que os antecederam.

Os conhecimentos de base agroecológica constituem o *corpus* da crença da Jovem Caatingueira 1 e de seu irmão, que traz a seguinte afirmação, ao ser questionado sobre a sua crença:

Primeiramente, em Deus, depois no trabalho com a terra sem exigir, sem quebrar. Por que a agroecologia, o quê que a gente usa, é o quê? O trabalho sem desmatar, uma forma de preservar a natureza, sempre, a terra, a água, economizar o possível, zelar o bastante, sempre sem usar o químico, sem nada disso. A agroecologia é tratar o máximo da terra pra ela poder nos recompensar, a gente zela dela pra ela poder nos dar, eu trabalho de uma forma sempre assim, pra nunca destruir, sempre trabalhar da melhor forma (Sujeito do TII 2).

Sobre a crença no respeito à natureza, ele destaca a interferência humana, trazendo a sua experiência de observação do clima no território e como o trabalho com base na agricultura convencional interfere na vida de todos.

A consciência ecológica desenvolvida no contato e na participação no seio das configurações que formaram o Jovem Caatingueiro 2 e sua irmã não apenas transformaram as suas condições materiais de organizar a vida, mas efetivamente transformaram os seus modos de ser e de estar no mundo, criando as suas formas de resistência e permanência no

semiárido, em vez de fugir da seca, como ocorreu mais intensamente no passado e ainda ocorre.

Com base no entendimento de configurações de Elias, é possível identificar que a experiência agroecológica transforma e é transformada no cotidiano da vida de cada agricultor familiar e possibilita a esses indivíduos a convivência com as incertezas e imprevisibilidades do contexto socioeconômico, estreitando os laços de interdependência entre eles e construindo uma ética da alteridade, cujo princípio se baseia na “relação do ser humano com o mundo sem o qual o humano não pode existir” (Souza, 2004, p. 24).

A ética que regula as relações na configuração da agricultura familiar agroecológica no TII é evidenciada também nos relatos do Sujeito de Referência do TII, que fala sobre suas crenças, apresentando sua experiência de fé viva, praticada diariamente no seu trabalho, nas relações com as pessoas.

As aprendizagens adquiridas no âmbito das configurações são mobilizadas no exercício do seu trabalho como o lugar propício para praticar o que acredita, pois lhe possibilita, por meio das relações com as pessoas, contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos no seu entorno.

Os sujeitos pesquisados assumem, portanto, a prática de uma crença fundamentada na relação com o “Outro”, que suscita a vontade do encontro com o novo, cujas bases são estruturadas numa racionalidade ética, aberta ao devir, pois, ao contrário, recairia na ação de resolver os problemas antes de terem acontecido. Trata-se de uma experiência aberta à diversidade das relações com o desconhecido:

No início, dá-se a diversidade, e os diversos são, por si sós, em sua infinitude de dimensões, convite à relação entre eles: ressaltos da alteridade que nos constitui e que faz que tenhamos nomes e não sejamos meramente “subsumíveis” à violência do conceito (Souza, 2004, p. 78).

Sendo assim, a racionalidade ética, vivenciada pelos sujeitos desta pesquisa, foi apreendida nas suas relações com o “Outro”, mas especialmente na relação com o trabalho com a terra que aparece como matriz formadora das crenças apresentadas por cada um deles. É por meio dela que esses sujeitos pensam as suas vidas e as suas formas de ser e de estar no mundo. Acreditam na força de um ser superior, Deus, mas não professam sua fé em templos. A fé deles é professada no cotidiano do seu trabalho com a terra, reconhecendo todo o poder da natureza e da força humana para transformar as suas realidades.

A ação das CEBs, dos movimentos sociais do campo e das ONGs teve um papel transformador nessas configurações e ainda hoje influencia na formação da juventude. Isso porque, por meio do seu trabalho educativo, tais organismos constituem uma rede de tramas de relações que influenciam o desenvolvimento dos indivíduos, e conseqüentemente, dos coletivos que fazem parte, independente das intenções dos indivíduos que os constituem.

No Alto das Pombas - Salvador- BA, o trabalho com a terra não se faz presente, em virtude da escassez dela no espaço onde se localiza o bairro. Espremido por suntuosas construções, a luta travada consiste na garantia de direito à moradia, segurança, lazer e educação. Não se trata de lutas diferentes das do TII; ambos os territórios repolitizam a luta pela terra, pelos seus territórios e o trabalho como princípio educativo.

Nessa ação de luta por seus direitos, os sujeitos desta pesquisa vivenciam a sua fé respeitando os elementos da natureza, compreendendo-os como parte constituinte do que eles são e a professam no fazer diário de suas vidas, acreditando no poder de transformação de mulheres e homens para a construção de um mundo melhor e mais justo, resultado das experiências vividas em suas configurações.

Eu tenho fé nos meus orixás, então isso faz com que eu tente ser positiva. Porque eu sei que de alguma forma eles vão me ajudar em algum momento e também porque eu converso com eles que eles estão lá, incorporados, eu converso com eles e eles sempre me tranquilizam em relação a várias coisas. Eu acho que isso mantém minha fé. Acho que hoje o que me faz acreditar em Deus é minha religião e meus orixás, senão eu acho que não teria nenhuma crença, nem em Deus (Sujeito do Alto das Pombas 1).

A configuração de que essa jovem faz parte influencia a sua crença e a sua forma de se relacionar com o mundo, tendo como base a referência da fé nos Orixás como força propulsora e de proteção da sua ação diante do desconhecido.

Acrescentou também ao seu relato a ligação que tem com o Orixá que a representa e a relação de proximidade construída com a divindade, como uma força que está ao seu lado, a todo momento, estabelecendo contato direto, sem intermediários.

Oxum, mas eu tenho uma ligação muito forte com Oxóssi. Eu gosto muito de Oxóssi. Então ele é quem eu mais converso, geralmente com quem eu mais me aconselho, ele é, geralmente quando estou passando por algum problema, o primeiro que eu rezo é ele. Que eu vou pedir ajuda. Que às vezes não é nem minha mãe Oxum, geralmente é Oxóssi que eu peço primeiramente, e ele é o que hoje me faz ter fé em alguma coisa acima do nosso plano, são meus orixás (Sujeito do Alto das Pombas 1).

Educação popular e experiências de resistência: no campo e nas periferias urbanas

Por se tratar de uma religião de matriz afro-brasileira, os elementos da natureza são representações do poder da divindade, por isso o respeito e o cuidado com a energia que está nas águas, no ar, no fogo, na terra, construindo um aprendizado de ética e ecologia, necessários para a continuidade da vida no planeta.

Ecologia é entendida por nós como sendo a dimensão de articulação, de reflexão, de compreensão e explicação do lugar, da casa, do mundo que habitamos, que vivemos, que é a sede na nossa condição humana, no momento em que esta condição humana reflete sobre si mesma (Souza, 2004, p. 21).

As configurações, segundo Elias, limitam as ações dos indivíduos e exercem uma força transformadora que resulta da interdependência entre sujeito e configuração. Essa interdependência ocorre na pluralidade dos indivíduos que, de uma forma ou de outra, também são interdependentes entre si. A experiência de fé vivida pela Jovem do Alto das Pombas 1 está também relacionada à do Jovem do Alto das Pombas 2, que, ao falar de sua crença, destaca sua fé em Deus e a esperança de viver em uma sociedade mais justa:

Eu acredito em Deus, por ser um ser superior, acredito que existe vida além da morte, acredito em mim, enquanto pessoa, enquanto ser humano, e acho que acredito também em uma coisa muito grande, que eu sou uma pessoa muito determinada. Eu, que quero algo, eu realmente traço metas e determino. Então eu acho que a determinação me ajuda muito a acreditar em mim. Acredito em uma sociedade mais justa, mais igualitária. Talvez eu não veja isso, mas quem sabe um dia eu possa ver? (Sujeito do Alto das Pombas 2).

A trajetória de fé percorrida por esse jovem foi movida pelo desejo de se compreender, na busca pelo entendimento do motivo pelo qual ele vivenciava experiências traumáticas, desde a sua infância, nas suas relações familiares. Nessa busca, ele experimentou o exercício da fé em diversas correntes religiosas.

Então vivenciei o Candomblé, e vi que não era a minha, tinha muitas discordâncias, vivenciei a Igreja Católica, vivenciei a Igreja evangélica, e o Espiritismo me despertou muito por essa parte do meu irmão e também pela mediunidade que me fez perceber também que eu poderia fazer o bem independente de lugar. E hoje eu sou uma pessoa que compreendo que para vivenciar religião não precisa você todo dia ir ao seu Centro. Você vai lá como espaço de dedicação para fazer um trabalho para as pessoas e para você, mas se você não for, por estudo ou por alguma coisa, normalmente, a espiritualidade vai estar comigo onde eu estiver (Sujeito do Alto das Pombas 2).

O caminho de crença religiosa percorrido por esse jovem foi diversificado, e possibilitou-lhe o entendimento e a prática de uma fé viva, exercida diariamente nas diversas

relações estabelecidas com o “Outro”, apresentando dessa forma a sua crença na ação do Fatumbi, como um legado de transformação de vidas de muitos jovens do Alto das Pombas e do seu entorno.

No cotidiano da vida, esses jovens exercitam a aprendizagem de uma ética do encontro com o “Outro”, “o diferente” que o aproxima do “sentido da vida”, como afirma Souza (2004):

Talvez aí, e não na descoberta da última galáxia ou da última partícula subatômica, esteja a semente do sentido humano; de qualquer modo, o humano sem o Outro não encontra sentido, pois não é nem ao menos pensável: nascemos de Outros, encontramos Outros, somos por sua vez pais e mães de Outros (Souza, 2004, p. 61).

Com base nessa ética do encontro são forjadas experiências que contribuem para a formação de pessoas capazes de amar, que se sensibilizam com a dor do outro e atuam a favor da melhoria das condições da vida de todos, por meio de ações positivas diante da vida.

A experiência de encontro, vivenciada por intermédio da relação com a fé e a religiosidade, é composta de diversas aprendizagens que aprofundam a consciência ética diante do mundo. A multiplicidade do agir de uns em relação aos outros e dos sentidos dessa forma de agir, compreendendo-os de maneira dinâmica, na cotidianidade, evidencia que em todos os momentos de nossas vidas, sejam eles corriqueiros, sejam eles extremamente decisivos, o posicionamento não neutro possibilita aprendizagens decisivas para a construção do posicionamento ético diante da vida.

Cada sujeito, ao tomar consciência das forças coercitivas existentes na configuração de que faz parte, no devido tempo concebe medidas práticas para minimizar os seus efeitos em sua vida, apresentando a sua fé de forma viva, relatando a presença de energias que o protegem e o guiam nas suas decisões. O Sujeito do Alto das Pombas 3 define-se como um homem de fé, que tem como referência o Orixá que o acompanha e algumas aprendizagens adquiridas na sua vivência com a Igreja, conforme relato abaixo:

Eu consegui coordenar legiões de pessoas assim, utilizando... Uma coisa que a igreja ensina, é usar a vulnerabilidade do outro pra poder tirar do outro aquilo que você acha de mais importante pro seu projeto. Eu penso assim mesmo, mas com um acréscimo, respeitando quem é o outro. A gente não pode ter uma supremacia que diminui e destrói o outro, hoje eu não penso mais assim. Eu sou fiel aos meus princípios. Sou fiel a meu nome, fiel ao nome que minha mãe me deu. É o maior patrimônio que eu tenho nesse mundo, é minha mãe, então eu

Educação popular e experiências de resistência: no campo e nas periferias urbanas

quero que, até a passagem dela, ela tenha orgulho de mim (Sujeito do Alto das Pombas 3).

O exercício de uma fé viva, que acontece no cotidiano dos indivíduos, possibilita o contato com o outro de forma aberta ao aprendizado em todos os instantes da existência, compreendendo que:

Não há instante isolado, neutro ou indiferente para a vida; há apenas instantes que conspiram, ou para a continuação e promoção da vida, ou para sua corrosão e destruição. E isto por um motivo muito simples: o ser humano é um ser não-neutro por excelência. Essa não-neutralidade é simultaneamente, em termos filosóficos, o resultado da reflexão original sobre a condição humana e a possibilidade de tal reflexão (Souza, 2004, p. 20).

Nesse contexto, o trabalho desenvolvido pelo Instituto Fatumbi compõe o conjunto de experiências de exercício da fé na vida do Sujeito de Referência do Alto das Pombas e a concretização de experiência de resistência a um modelo educativo pautado na adaptação dos indivíduos a contextos degradantes.

O conjunto de crenças aqui apresentado não está vinculado a uma fé trancada em um espaço físico determinado: igreja, centro espírita, terreiro de candomblé. Trata-se de crenças que se transformaram em princípios, os quais regulamentam as práticas da vida de cada sujeito desta pesquisa, e que se concretizam, são questionadas, são transformadas no exercício diário da relação com o outro: família, amigos, comunidade, escola, trabalho.

Essas crenças estão fundamentadas em princípios éticos aprendidos por meio das diversas experiências vividas, que contribuíram para a construção de trajetórias educativas pautadas em processos de autoconhecimento, conscientização e reumanização, imprescindíveis para a formação de sujeitos morais que aprenderam a conviver com as ambivalências humanas, de tempo e de lugar. É na convivência com as suas ambivalências e com as daqueles que os cercam, pensando nas suas vidas e nas de todos ao seu redor.

Esses sujeitos aprenderam que a vida é um mistério, é um eterno aprendizado, e que é na incompletude da condição de ser humano que constroem as suas estratégias de enfrentamento das adversidades, resistindo e reivindicando pelo direito à vida digna, por saúde, educação e, sobretudo, pelo direito de sonhar, de projetar suas vidas.

Projetos de Vida

Projetar a vida faz parte do ato de pensar sobre ela, refletir, analisar, sonhar e criar estratégias para alcançar seus sonhos. Embora o ato de projetar a vida seja próprio da condição humana, ele sempre foi combatido pelos processos de exploração e desumanização, e hoje esse combate é potencializado pela sociedade de consumo por meio da comunicação midiática e até mesmo das redes sociais, que contribuem para o fortalecimento de “consciências coisificadas” (Adorno, 2010). Esse combate tem sido tão mutilador das consciências que multidões de seres humanos perdem o hábito de pensar, de exercitar a própria escolha.

No que diz respeito à indústria cultural e sobre as consequências do capitalismo no caráter dos indivíduos, o referido modo de produção conquistou a última fronteira a ser vazada – a alma humana – e vemos pessoas que apenas se realizam ou se frustram tentando realizar desejos que lhes foram inculcados pelos olhos, pelos ouvidos, pelo olfato, pelo tato e pelo paladar.

Nesse momento, ela apresentou a importância dos conhecimentos adquiridos pelo trabalho desenvolvido por sua família, pela assessoria técnica realizada pelo Sujeito Referência do TII, por meio da sua inserção no GARRA, fatores que contribuíram para a efetividade das aprendizagens construídas, efetivadas no planejamento do seu trabalho na roça de forma sustentável.

Transcorridos cinco anos, a Jovem do TII 1 vem alcançando alguns dos sonhos projetados, como a estruturação do trabalho na roça, de forma sustentável, bem como aplicou os conhecimentos adquiridos na implantação da roça agroecológica e conseguiu a certificação de produtores orgânicos para cinquenta agricultores familiares agroecológicos do território, difundindo a crença no seu trabalho e na expansão da agroecologia para a melhoria de vida das pessoas.

Meu projeto de vida daqui a dez anos é continuar com o trabalho que a gente já realiza, com a minha roça agroecológica, ela deu certo, está dando certo, e é dela que eu estou vivendo, então a ideia é expandir. Daqui a dez anos eu quero que meus filhos estejam envolvidos também nessa missão, porque agroecologia é um projeto de vida. Agroecologia não é apenas um hobby, é um projeto de vida. Daqui a dez anos eu gostaria muito e acredito que eles estarão juntos comigo nessa missão. E eu também acredito que daqui a dez anos mais pessoas acreditarão nesta proposta e estarão juntos conosco. E que as nossas comunidades, as nossas escolas, o nosso território, eles estarão se alimentando, com alimento de qualidade, para que menos pessoas tenham problemas de saúde relacionados à questão do agrotóxico e eu acredito que daqui a dez anos

Educação popular e experiências de resistência: no campo e nas periferias urbanas

as pessoas terão mais consciência. Não só pelo nosso trabalho, mas também pelo trabalho das organizações, que as pessoas estão abrindo os olhos para essa possibilidade. Acho que mais pessoas estarão mais conscientes que é preciso fazer algo para preservar o meio ambiente, para preservar a terra, para resgatar aquilo que se perdeu, na questão ambiental e na questão cultural como um todo (Sujeito do TII 1).

A produção agroecológica também é parte constituinte das projeções do Sujeito de Referência do TII, que afirma já estar se preparando para a sua vida daqui a dez anos e apresenta algumas das suas metas a serem alcançadas:

Daqui a dez anos. Eu estou me preparando para daqui a dez anos, já. Eu pretendo ingressar na questão da universidade [como professor], de estar repassando os meus conhecimentos, pretendo continuar a minha vida de agroecologista, participando de mais congressos, tentando levar mais experiência, aprender mais e levar minha experiência. Eu pretendo aproveitar um pouco mais desse planeta, então já estou montando minhas estruturas, eu vou ter, com certeza, um ponto de apoio lá pelo meio da Chapada, em algum lugar. Vou ter um ponto de apoio lá no Piauí, de volta... Vou ter um ponto de apoio lá em Recife. Vou ter um ponto de apoio em alguns lugares porque eu vou ficar assim, pra minha roça, da roça pra Chapada, da Chapada para o Piauí, do Piauí para Recife, de Recife pra Chapada para os congressos, dando minhas aulas e fazendo minha produção agroecológica até o último dia da minha vida. Eu vou tentar viver da melhor forma possível (Sujeito do TII 3).

Seu projeto de vida está centrado no seu crescimento profissional com vistas à garantia de sua independência financeira.

Eu quero estar muito bem, ganhando bem e aprendendo cada vez mais e me esforçando. Eu não quero daqui a dez anos estar num cargo de gerência, diretoria. Não. Eu quero estar em um cargo que eu ganhe bem, mas que eu não precise me estressar tanto ou ter que gerir pessoas pra isso, ou passar por cima de pessoas não, porque eu acho que acaba trazendo isso. E desde que compraram a empresa lá eu vejo como as pessoas não têm vida quando se tornam chefes. Eu não quero perder minha vida, eu quero poder aproveitar, se eu ganhar bem quero poder gastar o dinheiro de forma saudável, não quero viver para o trabalho também, não, apesar de achar importante trabalhar. (Sujeito do Alto das Pombas 1).

O sentido do trabalho para essa jovem foi construído na sua relação com a configuração que a compõe, cujas bases possibilitaram a construção de uma racionalidade ética que funda as relações dos indivíduos com o mundo, contrariando o modelo vigente, que prioriza convivências baseadas no ter e não no ser.

A jovem encerrou o seu relato sobre o projeto de vida destacando a dualidade presente em suas características físicas e psicológicas como traços de sua personalidade, determinantes nas incertezas presentes nas suas projeções:

A inconstância talvez seja a palavra que me define, porque eu tenho vários momentos de humor. Acho que talvez seja essa inconstância no humor... Eu acho que eu sou uma pessoa alegre, apesar de ser mal humorada às vezes. Eu sou irônica, eu tento ser educada com todo mundo. Eu acho que sou uma pessoa sorridente, todo mundo sempre fala que eu sou uma pessoa muito sorridente. Então é um aspecto também, uma característica minha. Eu acho que sou uma pessoa inteligente. Sou preguiçosa, mas sou inteligente e gosto de aprender. Acho que só (Sujeito do Alto das Pombas 1).

A dualidade presente na fala da Jovem do Alto das Pombas 1 é marca do contexto em que estamos vivendo, particularmente da geração da qual ela faz parte, e que, segundo Bauman (2005), trata-se de uma geração nascida no admirável e líquido mundo moderno:

A chamada “Geração X”, constituída de rapazes e moças, nascidos na década de 1970, na Grã-Bretanha e outros países “desenvolvidos”, experimenta sofrimentos que eram desconhecidos das gerações anteriores. Não necessariamente mais sofrimentos, nem sofrimentos mais agudos, dolorosos e mortificantes, mas sofrimentos bem diferentes, de um novo tipo; mal-estares e aflições, poderíamos dizer, “especificamente líquido-modernos”. (Bauman, 2005, p. 18).

A “Geração X”, baseada em Bauman (2005), é caracterizada pela volatilidade da posição social, redução de perspectivas, imprecisão de regras que se deve aprender e dominar para a projeção de vida, assim gerando ansiedade e diminuição da autoconfiança e autoestima dos seus membros.

Pensando a condição do Brasil, que nunca vivenciou período de emprego para todos, especialmente para jovens de classe popular, a condição de incerteza se acirra. Esses sujeitos não apenas perdem seus empregos, mas também a possibilidade de projetar suas vidas com base no sentimento de serem úteis e terem um lugar social próprio.

Algumas possibilidades se apresentam para esses jovens, como é o caso demonstrado nesta pesquisa, relacionadas à inserção deles em ações comunitárias e produtivas que dão mais sentido às suas vidas, contribuindo para que construam projetos nos quais se

comprometem, desenvolvendo atividades importantes para a sociedade em que vivem, como podemos verificar no relato do Jovem do Alto das Pombas 2:

Com 34 anos. Eu espero, claro, vou estar formado até lá, ter meu emprego, ter saído daqui da comunidade. Ter saído no aspecto de realmente procurar ter uma ascensão, ter minha casa também, porque eu acho também que eu não quero ficar o tempo todo com minha mãe, com minha família. Estar ajudando o Fatumbi, ter um emprego melhor para ajudar o Fatumbi. Digo assim, não ajudar financeiramente, não só financeiramente, ajudar e estar possibilitando muitas coisas maiores pra poder fazer valer a pena, e ver que essa experiência me contribuiu. Que o Fatumbi até lá tenha uma sede própria, que a gente possa realmente ver todos nós sucedidos na vida, eu digo assim, não só financeiramente, no sentido de bem, com saúde. E também, se partir daqui a 10 anos, porque a gente nunca sabe, eu partirei feliz porque eu acho que minha missão aqui na Terra foi cumprida. Eu acho que posso não ser o ser humano melhor aqui na Terra, mas eu acho que eu também faço bem, que eu também procuro muito esse bem e fico muito feliz por tudo que eu sou (Sujeito do Alto das Pombas 2).

O projeto de vida desse jovem também perpassa pelo desejo de viver numa sociedade mais justa, mais humana, na qual todos possam ter acesso a condições dignas de vida.

Eu acho que, daqui a 10 anos também, eu possa ver uma sociedade mais justa, que eu possa ver também negros chegando a algum lugar. Que eu possa ver mais a família sendo realmente família, que eu possa também estar enxergando o humano sendo mais humano. Um aspecto importante tanto humanização, sempre partir do pressuposto da gente também, enquanto ser humano, entendeu? Mas eu espero ver realmente um mundo, uma crença, uma solidariedade melhor, as religiões congregando melhor. As pessoas também se respeitando mais, as pessoas também com outra cabeça, com outra mentalidade. Eu espero também ver os nossos também formados, estudando. Mesmo que for chefe de família, mais feliz, mais realizado naquilo que quer. Então eu espero crescimento não só para mim, mas pelo Universo, porque eu não posso crescer sozinho. Porque a partir do momento que eu estou no Universo, eu vou ter que conspirar para que as pessoas também cresçam pra poder o Universo me ajudar a ter aquele retorno e contribuir também para o meu crescimento (Sujeito do Alto das Pombas 2).

A configuração, nesse contexto, foi determinante para esse jovem pensar a sua vida e a do outro, considerando as mudanças no âmbito da sociedade brasileira como garantia da continuidade das conquistas alcançadas.

É nessa perspectiva que o Sujeito de Referência do Alto das Pombas destaca o seu projeto de, no prazo de dez anos, ocupar cargo político e poder divulgar amplamente a experiência do Instituto Fatumbi.

Eu queria estar no Senado, eu queria ser senador daqui a 10 anos ou ocupar um cargo público, dando o melhor que eu pude viver nessa experiência,

transformando isso em uma tecnologia. O que eu fiz é uma tecnologia de ponta para sobrevivência, não só da sua própria, mas também de outros corpos. Então, eu queria que isso virasse. Não tecnocraticamente, uma tecnologia, mas uma forma que eu pudesse dizer pras pessoas que é possível alguém aplicar isso que vai dar certo. Mas daqui a 10 anos eu queria estar em um espaço público político (Sujeito do Alto das Pombas 3).

O desejo de difundir a experiência do Instituto Fatumbi se funda na vontade de promover experiências formativas para crianças e jovens das periferias dos centros urbanos, como forma de garantir acesso a outras oportunidades para projetarem suas vidas com base numa ética do encontro, aberta ao enfrentamento das adversidades, encarando-as como oportunidades de crescimento e resistência.

É presente nos discursos aqui apresentados o sentimento de incerteza de vida longa, construído em função da vivência de experiências marcadas por constantes mortes prematuras de jovens na comunidade onde vivem, contribuindo para a perda da possibilidade de sonhar com o processo de envelhecimento. Acrescenta-se também a essa incerteza a experiência hoje vivida pelos jovens, frutos dessa sociedade líquida moderna, do envelhecimento do “novo” cada vez em menos tempo. “O “novo” tende a ficar “velho”, a ser alcançado e ultrapassado, instantaneamente” (Bauman, 2005, p. 145).

Algumas conclusões

Práticas de saber-se e formar-se resistentes e ter acumulado saberes de resistir aos brutais processos de subalternização. Não falam de saberes em abstrato, mas de pedagogias, de saberes, de aprendizados de reações e resistências concretas à escravidão, ao despojo de seus territórios, suas terras, suas águas, suas culturas, suas identidades (Arroyo, 2014, p. 14).

Diante da constatação de que essas configurações criaram as suas estratégias metodológicas baseadas em uma pedagogia que se funda na resistência ao que oprime por meio da conscientização, formando sujeitos aptos ao encontro com o outro, com o novo, afirmo que essas experiências contribuem para a constituição de sujeitos éticos que vivem e pensam sobre si, sobre seu lugar, sobre seu mundo e, acima de tudo, que compreendem o poder de transformação existente em suas ações.

O que seria de nós, humanos, se não existisse o futuro? O que seria da educação sem projetar a vida dos indivíduos? Que educação pode contribuir para que vivamos o presente sem esquecer todo o conhecimento adquirido, mas projetando novos conhecimentos, novas aprendizagens individuais e coletivas?

Educação popular e experiências de resistência: no campo e nas periferias urbanas

Sendo assim, para aprofundar a análise acerca de uma educação que efetivamente promova a emancipação dos sujeitos, fundamento este texto recorrendo aos sete saberes necessários à educação do futuro, escritos por Edgard Morin (2001), que destacam como primeiro saber o reconhecimento da incerteza do conhecimento e o aprendizado de conviver com o inesperado; além desse, reconhecer a pertinência do conhecimento complexo, compreendendo o local, o global e o multidimensional; ensinar a condição humana destacando o enraizamento e desenraizamento do ser humano; ensinar a identidade terrena, a enfrentar as incertezas históricas, sociais, do conhecimento e do tempo; desenvolver uma ética da compreensão e do gênero humano que contribua para a tomada de consciência da complexidade das relações, nas quais o respeito à diversidade deve perpassar pela proteção da diversidade de ideias e opiniões, pela diversidade de fontes e meios de informação, para garantir a vida democrática, bem como pela diversidade das espécies para salvaguardar a biosfera.

Esta pesquisa também se fortalece ao afirmar a sua incompletude enquanto processo de análise das experiências vividas por sujeitos que continuam seus percursos educativos, corroborando o pensamento de Elias (2000), ao afirmar que as investigações sobre os modelos das configurações:

[...] não podem ter a pretensão de ser um marco final absoluto na busca do saber, marco este que, tal como a pedra filosofal, não existe. Os modelos e os resultados das pesquisas de configurações fazem parte de um processo, de um campo crescente de investigação, à luz de cujo desenvolvimento estão eles mesmos sujeitos a revisões, críticas e aperfeiçoamentos, fruto de novas investigações (Elias, 2000, p. 57).

Enfim, reforço a necessidade deste estudo para compreendermos a importância das experiências de resistência vividas pelos sujeitos pesquisados, no campo e na periferia, para a constituição de trajetórias educativas emancipatórias que contribuam para a formação de sujeitos que contestam pensamentos segregadores e produzem processos de aprendizagem, de formação, humanização e conscientização fundamentados em outras epistemologias, construindo, dessa forma, um *corpus* para se pensar uma outra Pedagogia.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2005.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

JOSSO, Marie-Christine. **A Experiência de Vida e Formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN. São Paulo, 2010. 341p. – Coleção Pesquisa (auto) biográfica e Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

SOUZA, Ricardo Timm de. **Uma Introdução à Ética Contemporânea**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

Sobre a autora

Flávia Lorena de Souza Araújo

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (1997), mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (2012) e doutorado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (2017). Atualmente, é professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia no Departamento Multidisciplinar em Ciências e Educação- Lauro de Freitas- BA. Pesquisadora do grupo de pesquisa Educação do Campo e Contemporaneidade - MPEJA- UNEB. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos- MPEJA. Tem experiência na área de docência e gestão em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação do campo, agroecologia, gestão escolar, infâncias, juventudes e trabalho no campo e nas periferias urbanas. E-mail: flsouza@uneb.br. <https://orcid.org/0000-0002-5911-8885>.

Recebido em: 13/05/2024

Aceito para publicação em: 30/07/2024